

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega, nas localidades onde houver correio e adiantes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 números, \$500 réis; Semestre ou 26 números, 12500 rs.; trimestre ou 13 números 6000 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—11 DE FEVEREIRO DE 1883—N.º 51 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 números, 75000 réis; semestre ou 26 números, 45000 rs.; trimestre ou 13 números, 25000 rs.; avulso 900 rs.
São agências da empresa na Rio de Janeiro os srs. **Faro & Silva**, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS—O refugio do ultimo monge da abbadia d'Aulne. O filho do pobre e o filho do rico. A musa da pintura.
TEXTOS—Actualidades, por Elyzina d'Almeida. As nossas gravuras, por P. C. Confidencias, por Cha-Ri-Va-Ri. Um acto de desespero, por Mery. Rosicler, por J. C. de Menezes e Souza. O polvarinho, por Beltrão. O Commendador Mendosa, por D. João Valera.

ACTUALIDADES

Os senhores estão a estas horas fartos de conhecer a historia das casacas.

Faz hoje oito dias. A viscondessa, como sahem, deu um baile em domingo gordo; um baile destumbrante onde concorreu tudo quanto Lisboa tem de notavel na aristocracia, na politica, na finança, na

serviço; gentis condessinhas eram arrebatadas no turbilhão da valsa por jovens banqueiros millionarios; graves directores geraes jogavam o whist com velhos diplomatas aposentados.

Mas, vamos á historia das casacas.

O sr. X. (sejam os discretos) conseguiu fazer-se convidar para o baile da viscondessa. O que não consegue quem deveras ama?—como se diz, não me

fundidade d'aquella mystica interrogação. Mystica? Creio não ter adjectivado com propriedade. E d'ahi, quem sabe?—talvez tivesse.

Mas, vamos á historia das casacas.

Perceberam que o sr. X. fizera convidar-se para o baile da viscondessa—(como sabem a viscondessa deu um baile, em domingo gordo, onde concorreu tudo quanto Lisboa tem de mais notavel na aris-



O REFUGIO DO ULTIMO MONGE DA ABBADIA D'AULNE

burocracia. Marquezas *vieille roche* faziam *vis-d-* eis a ministros de estado honorarios, e em activo

lembra agora em que romance, de certo notabilissimo, se attendermos ás quatrocentas braças de pro-

toeracia, na politica, etc.)—fizera convidar-se para o baile da viscondessa porque, no baile, estava a luz

dos seus olhos, aquella a quem, por tepida noite de estio... Bom basta.

Para meia basta bom entendedor palavra—perdão, não é isto—para bom entendedor, meia palavra basta... Ora, foi exactamente por isto que o sr. X. fizera convidar-se para o baile da viscondessa... Como sabem, a viscondessa deu um baile em domingo gordo onde concorreu...

Mas—ora até que enfim chegou a historia das casacas—mas o sr. X. não tinha casaca. Que fez então o sr. X.—(o que não faz quem deveras ama?) Foi pedir uma casaca ao seu amigo Y.—que tinha duas casacas.

—Meu caro Y, venho aqui pedir-te um favor...
—Dize...

—Como sabes, consegui fazer convidar-me para o baile da viscondessa...

—Ah! sim!... O baile que a viscondessa dá no domingo gordo, e ao qual, decerto, concorrerá tudo quanto Lisboa tem de notavel na aristocracia, na politica, na finança, na burocracia...

—Esse mesmo...

—Ah! deve ser esplendido... Veremos, sem duvida, Marquezas *vieille roche* fazendo *vis-a-vis* a ministros d'estado honorarios...

—E em activo serviço... Gentes condessinhas arrebatadas no turbilhão da valsa...

—Por jovens banqueiros millionarios... Velhos directores geraes jogarão o wisth...

—Com velhos diplomatas aposentados... Deve ser esplendido!

—Se deve! Mas então qual é o tal favor...

—Ah! meu caro Y, se tu tivesses só uma, eu não ousaria... Juro-te! nunca! Mas, eu sei que tu tens duas... empresta-me uma,—e a minha gratidão será eterna!

—Ah! percebo! Trata-se de uma casaca!

—Ou melhor,—de uma das tuas casacas...

—Sim, sim—e Y coíava o bigode dando ligeiros movimentos à cabeça—eu, francamente, não gosto de fazer d'esses empréstimos... Mas, em summa, por ser para ti...

—Obrigado!

—Agora o que te peço é juizo... Eu tambem vou ao baile... Vê lá como me tratas a casaca...

—Fica socegado! Posso mandá-la buscar?

—Podes.

—Obrigado!

—Vê lá como me tratas a casaca...

—Descansa... Não ha de haver novidade...

—Adeus!

—Adeus!

Eram dez horas, quando X entrou no baile da viscondessa! Que deslumbramento!

Tudo quanto Lisboa tem de notavel na aristocracia, na politica, na finança, na burocracia se encontrava alli reunido. Marquezas *vieille roche* faziam *vis-a-vis* a ministros de estado honorarios e em activo serviço: gentes condessinhas eram arrebatadas no turbilhão da valsa por jovens banqueiros millionarios; graves directores geraes jogavam o wisth com velhos diplomatas aposentados...

X, que tinha no baile a luz dos seus olhos, (aquella, a quem, por tepida noite d'estio...) curvava-se em frente da citada luz (o que não faz quem deveras ama?) quando Y, passando por junto d'elle, lhe murmurou ao ouvido:

—Se te curvas d'esse modo, estalas-me a casaca pelas costuras...

D'ahi a pouco, X, de luvas calçadas, offerecia desfargadamente um bolo à luz dos seus olhos, aquella a quem... (o que não faz quem deveras ama?) quando Y, passando por junto d'elle, lhe murmurou ao ouvido:

—Se tivesses descalçado as luvas, não me encherias depois a casaca de nodoas...

X, estava desesperado; não podia levantar um braço, não podia sentar-se um instante, que não apparecesse Y, a murmurar-lhe ao ouvido:

—Olha que rasgas a casaca debaixo dos braços!—ou:—logo vi que não havias de levantar as abas!

Um inferno! X, saiu desesperado do baile! E que desespero! Se fosse um baile qualquer! Mas, um baile deslumbrante onde concorrera tudo quanto Lisboa tem de mais de notavel na aristocracia, na politica, na finança, na burocracia: um baile onde Marquezas *vieille roche* faziam *vis-a-vis* a ministros d'estado honorarios e em activo serviço: onde gentes condessinhas eram arrebatadas no turbilhão da valsa por jovens banqueiros millionarios; onde graves directores geraes jogavam o wisth com velhos diplomatas aposentados...

Sim,—um d'estes bailes, não se deixa sem saudades...

Mas X, tinha medo de que a luz dos seus olhos, (aquella, a quem, por tepida noite de estio...) ouvisse o patife do seu amigo Y, murmurar-lhe ao ouvido:

—Olha que me dás cabo da casaca! Levanta as abas da casaca! Tu estoiras-me a casaca!

E retirou-se do baile. O que não faz quem deveras ama?

Ora, na terça feira gorda, houve outro baile. Não seria tão deslumbrante como o da viscondessa, onde concorreu tudo quanto Lisboa... Mas, que importava isso, se a esse outro baile ia a luz dos seus olhos, (aquella, a quem, por tepida noite d'estio...)

X, continuava a não ter casaca. Mas, o que não faz quem deveras ama?

X, foi pedir uma casaca ao seu amigo Z, que tinha duas casacas.

—Pois não meu caro X! O que tu quizeres! Mandá buscar a casaca—ou não—eu t'a mando lá! Ora, ora, ora,—o meu caro X! Tenho immenso prazer em emprestar-te a casaca. Eu tambem vou a esse baile—até logo.

Encontraram-se os dois no baile.

X, que tinha lá a luz dos seus olhos, (aquella, a quem por tepida noite de estio...) curvava-se em frente da citada luz (o que não faz quem deveras ama?) quando Z, passando por junto d'elle, lhe murmurou ao ouvido:

—Homem, curva-te à vontade... Se a estalares pelas costuras, é o mesmo... Quero cá saber da casaca para nada!

D'ahi a pouco X, sem luvas, offerecia disfargadamente um bolo à luz dos seus olhos (aquella, a quem, por tepida noite d'estio...) (o que não faz quem deveras ama?) quando Z, passando por junto d'elle, lhe murmurou ao ouvido:

—Para que descalcaste as luvas! Se a encheres de nodoas é o mesmo! Quero cá saber da casaca para nada!

X, estava desesperado; não podia levantar um braço, não podia sentar-se um instante, que não apparecesse Z a murmurar-lhe ao ouvido:

—A' vontade! A' vontade! Se a rasgares debaixo dos braços é o mesmo! Para que levantas as abas? Quero cá saber da casaca para nada!

Um inferno! X saiu desesperado do baile, jurando nunca mais pedir casacas a ninguém—como o leitor sae de certo desesperado d'esta *scie*, se é que lá entrava, jurando nunca mais ler historias de casacas!

E o caso é que o leitor e X tem razão. N'isto de casacas—nem historias,—nem empestadas.

URBANO DE CASTRO

AS NOSSAS GRAVURAS

O refugio do ultimo monge da abbadia d'Aulne

Tão desgraçadas são as ruínas no centro das cidades, como são bellas no campo. O architecto faz uns edificios magestosos e correctos, mas se a ruína vem, vem com ella a collaboração da natureza. Desabaram os tectos, mas pelas largas aberturas penetra o candido luar, estropear-se as columnas, mas nos seus fustes mutilados ou nos seus esboçados capiteis enroscam-se as parietarias, e dão origem a uma ordem mais bella ainda do que a corinthia, mais bella do que a composita. Lembram-se do que deu origem, segundo se diz, a esta ultima ordem architectonica? Estava um cesto com flores. A folhagem cresceu, transbordou para fóra do cesto, e debruçou do vime as suas espiraes graciosas. A nova combinação estava encontrada, mas as lições que a hera dá nos monumentos arruinados não podem aproveitar-se, porque é preciso o conjuncto admiravel dos tectos alluidos por onde penetra a candidez da lua, das columnas partidas, de todas as cicatrizes produzidas nos muros pela mão dos homens e pela mão do tempo, a solidão campestre, a tristeza solemne das planicies para dar o effeito completo do maravilhoso espectáculo das ruínas.

Esta abbadia, cujas ruínas se apresentam na nossa gravura, é uma abbadia belga. Data da idade media, e dos primeiros seculos da idade media. Tinha por orago S. Martinho e por habitantes frades bernardos. Estes pobres frades são em todos os paizes victimas da troça. D'estes contava-se o seguinte:

Mandára o dom abbade gravar no frontespicio da abbadia o seguinte distico latino:

Porta, patens esto. Nulli claudatur honesto

o que significa: «Esteja patente a porta, e que a ninguém que seja honesto se feche.»

O pintor, latinista e maganão, fez uma pequena mudança na phrase, uma mudança apenas de pontuação. O distico ficou assim:

Porta, patens esto nulli. claudatur honesto

Vinha a inscripção a dizer d'esta maneira que a porta para ninguém se abria, e que se fechava sobretudo a quem fosse honesto.

Dom abbade vio e approvou. Se fez reparo na mudança do ponto, achou até que ficava assim mais bonito, mais elegante, e mostrava com ufania o distico a toda a gente. Os entendidos riam, e a garga-lhada propagou-se por toda a Belgica, a ponto que a auctoridade ecclesiastica interveio, e parece que demittiu o abbade, por elle não ser homem de pontinhos. Era provavelmente a esta abbadia que pertencia aquella frade do conto de Garrett, que teve com o diabo tão curiosa pendencia:

Grita o frade: *Abrenuntio*
E o cachorro do Asmodeu:
«Assim não me deitas fóra,
Dize «*Abrenuntio*, sandeul!»

«Latim sabe elle, o maldito!
Disse o frade aos seus cordões.
Que os frades, como os não usam,
Não fallam c'os seus botões.

«Eu te esconjuro, maldito,
Torna o frade em portuguez,
Que não quiz comprometter
O seu latim d'esta vez.

Como a abbadia era rica, foi em quasi todas as guerras saqueada e roubada, e sempre reconstruida, até que em 1793 os francezes, assenhoreando-se d'ella, pozeram os frades da abbadia d'Aulne no olho da rua, e devastaram, demoliram, a ponto que a abbadia ficou n'aquelle estado que vêem.

Um pobre frade, que não podia resignar-se a abandonar o convento onde consumira a sua existencia toda, voltou a alojar-se nas ruínas, fez d'ellas o seu eremiterio, ali passou ainda largos annos, louco alinal, porque a sua razão não resistira por muito tempo ao espectáculo de tantas catástrophes, á dolorosa impressão de tão dilacerantes angustias.

E os que passavam n'aquellas visinhanças, ao verem o pobre louco, vestido com o seu antigo habito, vagueando triste e só pelas ruínas do seu antigo asylo, sentiam por elle um vago e quasi pavidó respeito.

Aconteceu ao frade o que acontecera ao convento.

A desgraça e a ruína deram-lhe a grandeza e a poesia que lhe faltavam. Na prosperidade o convento fôra como tantos outros, um edificio bello, mas não extraordinariamente notavel, e o frade fôra... um frade bernardo, obeso, pangado, ridiculo. Veio o infortúnio, e o convento coroou-se com a magestade das ruínas, o frade com a magestade da desgraça. O mosteiro tornou-se profundamente artistico, o frade profundamente poetico. A hera vestiu as ruínas de uma tristeza solemne, a loucura e a saudade revestiram o pobre egresso de uma augusta e solemne melancolia.

O filho do pobre e o filho do rico

Este eterno e doloroso contraste entre os pobres e os ricos, este contraste fatal e implacavel, que irrita todos os pensadores, e que todos os reformadores procuram corrigir, é nas creanças que se torna ainda mais cruel. Esses entes fracos e debéis, que têm nascendo o instincto da equalidade e da justiça, são contudo desde logo divididos pelo destino em privilegiados e reprobos. Para uns os mil cuidados e os mil carinhos, o berço macio e tepido, onde o seu fragil corpinho se immerge em ondas de rendas, para o outro os tristes farrapos onde dorme o primeiro somno e onde chora as primeiras lagrimas. Ah! se fosse só isso! se ao filho do pobre faltassem apenas os commodos e o luxo que rodeiam o berço do rico! se um tivesse apenas de dormir nas palhas humidas, enquanto o outro dorme em flaccidas almofadas! se um tivesse uns farrapos por vestimenta, e o outro as faixas arrendadas e magnificas, pouco importava afinal! D'ahi resultaria apenas talvez uma vantagem para o filho do pobre, a vantagem de cedo se costumar a affrontar as intempéries, e a robustecer-se na lucta: mas ha mais ainda, ha mais e ha peor!

A mãe é pobre, e a má alimentação traz um resultado triste, o leite insufficiente e fraco. A outra, se melindres de organização aristocratica a tornam também debil creadora, tem á sua disposição as mais robustas amas do campo ou das montanhas, cujo leite aluga, e que põem ao serviço da creança rica os seus seios opulentos.

A mãe trabalha, e na azafama constante da lida quotidiana, como pôde ella trazer sempre consigo o filho estremecido? Lá o deixa ás vezes fechado, só, faminto, e a pobre creancinha, conhecendo, antes de as poder comprehender, as tristezas do isolamento, chora horas esquecidas, sem que encontrem echos os seus gritos, sem que as suas lagrimas tenham mão carinhosa que as enxugue.

A outra não. Essa, apenas solta o primeiro grito, encontra logo quem corra ao seu chamamento, quem a passeie, quem a amime, quem a console, quem lhe enxugue as lagrimas com beijos, quem lhe ensine os mil nomes ternos, que são um encanto quando passam pelos seus labios, que são no seu balbuciar fíntil como o primeiro e flebil gorgoejo do passarinho ao despontar a aurora.

O' mães que a fortuna favoreceu, quando vos enleais rindo nas primeiras lagrimas dos vossos filhos, pérolas que transluzem na franja sedosa das suas pestanas, e que colheis nos vossos labios com infinito amor, lembrai-vos que ha por esse mundo tantas e tantas creanças que choram sósinhas, longe das mães que trabalham, e que nunca souberam o que era esse doce carinho, primeiro favo de mel d'essa taça da vida, que tem no fundo tantos e tantos amargores!...

Mas ha dôr maior para o coração das mães pobres, e é essa a que se indica na correspondente gravura. Quantas vezes a mãe não sente que não pôde conservar junto de si seu filho, porque lhe daria a beber a morte no seio, que é fonte sagrada de vida, mas fonte que a miséria estanca. E então vai, sósinha, á noite, se na terra em que vive ainda existe a instituição que recebe em segredo os filhos da miséria, vai chorando depôr o pobre filhinho na roda, impassivel confidente de tantas angustias profundas. E enquanto ao lado, talvez, na mesma rua, n'algum palacio illuminado, a mãe opulenta mostra ás suas amigas elegantes a debél creancinha que dorme, serena e saudavel, o somno bom das primeiras edades, no berço elegante, entre setins e rendas, enquanto se orgulha com os elogios que todos fazem á gentileza d'esse pequenino ente, ella, a outra, a mãe pobre, a quem a miséria nem deixa ter ao menos os orgulhos da maternidade, vai collocar, soluçando, o seu filhinho, que também chora, na odiosa roda, e vai deixá-lo, esse filhinho de que as mães ricas se ufam, e vai deixá-lo para nunca mais o ver talvez, vai deixá-lo, filho ignorado e obscuro da miséria, confundido na turba anonyma, perdido na multidão das parias, enquanto ao outro bastou apenas nascer para que o rodeiem o luxo e os carinhos, tudo quanto ha de bom e de santo na vida.

São dolorosos estes contrastes, e, quando se pensa n'elles, comprehende-se a raiva surda que morde o coração dos parias, e que de vez em quando produz esses terribes cataclysmos que ameaçam alluir as bases das sociedades humanas.

Eu sei que a caridade procura attenuar estes males profundos, eu sei que a caridade inventou essa sagrada instituição das *crèches* para que as creanças pobres não chorem sósinhas e longe das mães trabalhadoras, eu sei ainda que não basta que uma creança nasça entre rendas, para que seja feliz, e que mais carinhos tem no grabato humillimo a pobre creança que a propria mãe amamenta, do que as creanças ricas abandonadas aos cuidados mercenários das amas, enquanto a mãe dança e ri nos salões illuminados dos bailes. Para essas pobres creanças ricas não ha *crèches* possiveis, e o carinho alugado é mil vezes mais odioso do que o desamparo compensado por um beijo da mãe que volta do tra-

balho. Ah! mas basta um só quadro como o que as nossas duas gravuras representam, para que o coração humano se revolte contra essa injustiça da Providencia, que nega a esses anjos, apenas saem do seu seio para a terra, a santa equaldade na repartição d'esse leite e mel que Deus destinou para o seu primeiro banquete, o leite, que é o leite materno, o mel ainda mais doce que é o amor das mães.

A musa da pintura

Esta senhora que ahi vêem, de palheta nas unhas, é uma intrusa. Por isso ella está de olhos baixos com medo que Apollo a pesque e a ponha fora do Parnaso. As musas authenticas, officiaes e com a sua nomeação muito regular feita pelo deus Apollo, são nove, a saber:

Melpomene—é a musa da tragodia, pessoa carrancuda, usa de punhal e de veneno, dá largas pascadas no Parnaso, colloca-se em attitudes e põe o sul na moleirinha do papá Apollo; magra como Sarah Bernhardt, não se lhe conhece nem Danala, nem Mauricio. Devemos contudo acrescentar que, não sabemos porque, os chronistas ca mythologia nunca se metteram muito com a vida das nove irmãs do Pindo;

Thalia, musa da comedia, uma excellente rapariga, alegre, folgasa, que é o regalo dos jantares de familia. Tem sempre o seu bom dilo á sobrezeza, e faz partidas com muita graça;

Euterpe, a musa da musica. Segundo as ultimas noticias do Parnaso, consta que anda muito atrapalhada com a musica de Wagner. Parece que o grande maestro allemão, tratando a com o maximo desdem, recorreu a Urania para esta lhe inspirar as suas operas, e a pobre da Euterpe não só nem foi ouvida, nem achada n'estes assumptos; mas ainda não foi capaz de entender o *Lohengrin*. Anda como uma bicha;

Erato, a musa da poesia lyrica. D'antes passava por ser uma rapariga honesta, e ninguém tinha nada que lhe dizer; mas hoje faz escandalo: decotada, perna á vela, uns ares de *coquette* que fazem cólar Apollo. As manchas que os astrónomos lhe encontram não são outra cousa senão o rubor das suas faces, produzido pelo desbragamento de Erato;

Polymnia a musa da ode. Pobre musa! envelheceu, toma rapé, assôa-se a um lenço encarnado, e passa a sua vida a chorar pelo Filinto Elysio. Tem bom gosto!

Clio a musa da historia; está sempre metida nos archivos do Parnaso. Já ninguém lhe pôe a vista em cima;

Terpsichore a musa da dança. Consta que foi pedida em casamento pelo sr. Justino Soares;

Urania, a musa da astronomia. Anda a estudar equações do segundo grau. Foi reprovada em instrução secundaria no lyceu de Lisboa; e está preparando-se para fazer exame outra vez;

Calliope, a musa da epopeia. O sr. Freitas Brito furtou-lhe a trombeta para a fazer figurar na *Aida*, e a pobre musa está agora reduzida a tocar berimbau em duetto com José Agostinho de Macedo.

A estas nove musas vem agora addicionar-se esta musa supra-numeraria, musa da pintura, que demais a mais nem tem nome de baptismo. Não me oppoño á sua nomeação, mas lembro apenas a Apollo que, se pensa em crear a classe de musas addidas, d'aqui a pouco tem tantas musas quantos os serventes do ministério das obras publicas. Olhe que isto de musas são como os coroneis depois do decreto de 10 de setembro. Assim como ninguém supunha que houvesse tantos coroneis em Portugal,

também Apolo não imagina que haja tantas musas na Arte.

Se aceita a musa da pintura, d'aqui a pouco tem musa da escultura, da architectura, da gravura, da lithographia, da chromo-lithographia, da photographia, da scenographia, e de tantas *phias* que o melhor será Apolo não se *fiar* n'isso e fechar a porta, porque olhe que, se não proceder assim, não lhe cabem no Parnaso.

Nós d'ahi lavamos as nossas mãos. A candidata ao logar de decima musa é a que a nossa gravura representa.

P. G.

opressão no peito e coração... Tenho pesadelos medonhos, que não são verdadeiros pesadelos; ha em mim, mais ou menos, a consciencia do que se passa. Simplesmente, não encontro forças, nem energia para sacudir a pressão que me opprime... É o diabo isto...

— Pontadas não sente?

— Do lado esquerdo...

— Sempre?

— Não, senhor. Passam-se até dias, e, no mesmo dia, horas consecutivas...

O dr. Curry Cabral puxava a pera.

no nosso espirito, é sempre com profunda commoção que a gente sente o ouvido de um medico pousar-se-lhe no peito... O menos que uma pessoa se julga n'esse momento é... tísico no ultimo grau.

— Estou perdido, irremediavelmente perdido! Ah! eu bem o sinto! Que respirar cavernoso, parece o estertor dos moribundos!... E sentia os pulmões a desfazerem-se-me, e via os tuberculos esphacelando-me sem piedade o tecido pulmonar, e a bocca sabia-me a sangue, e o peito despedaçava-se-me, e o corpo cobria-se-me de suores frios, a febre devorava-me as entranhas...



O FILHO DO POBRE

CONFIDENCIAS

Nos primeiros dias de março do corrente anno, a pessoa que escreve estas linhas encontrava-se, pelas 7 horas da noite, em casa do distincto clinico e illustradissimo professor da eschola medica de Lisboa, — o dr. Curry Cabral. Entre os dois travava-se este dialogo:

Menco. — E, de noite, dorme bem?

Eu. — Algumas durmo bem, mas, é caso raro. Geralmente, accordo, tres e quatro vezes, com grande

— Cança ao subir escadas?

— Um quasi nada, talvez... cansaço natural, effeito que desaparece com a causa...

— Tire a sobre-casaca e o colete...

— Vae-me auscultar?

— Vou!

Se o leitor nunca foi auscultado, — dou-lhe os meus parabens. Evidentemente, a auscultação não é senão um processo de analyse. Ha órgãos que, para serem examinados, assim como outros precisam de ser vistos, carecem de ser ouvidos, escutados. Em todo o caso, por mais arreigada que esta convicção esteja

— Respire naturalmente! disse-me o doutor.

— Naturalmente! — pensei eu. Como se eu pudesse respirar naturalmente! Mas então pará que serve o talento a este homem? De que lhe servio estudar? Não quer elle que um tísico — respire naturalmente! E enquanto fazia todas estas considerações procurava respirar, — como me tinham mandado — naturalmente.

— Assim, assim, — murmurou Curry Cabral.

— Ah? O quê? Pois dar-se-ha o caso que...? Não! impossível! E' para me animar! Eu posso lá respirar naturalmente!

—Agora,—com força!

—Peior é essa! Se eu respiro com força, saem-me os pulmões pela bocca fóra! Este homem quer dar cabo de mim! Afinal sempre é uma prova de amizade—e de humanidade... Não sou eu um homem condemnado?—e respirei com força. Contra a minha

tidão de obito. E então uma grande tristeza se apoderou de todo o meu ser:—ah! triste, sim, muito triste... Morrer com pouco mais de trinta annos, na força da vida, quando a alma parece estar mais do que nunca fundida com o corpo, quando o homem, perdidas as illusões da mocidade, abandona-

tranhado culto? quando é que ella reúne para nós todas as bellas, todos os dotes, todas as fascinações todos os prazeres, todas as alegrias, todas as felicidades?—No momento em que nos abandona, ou, pelo menos, no momento em que julgamos que vae abandonar-nos.



O FILHO DO RICO

espectativa, e com o maior dos espantos, de que é susceptível uma pessoa pouco espantadiza,—os pulmões ficaram-me no seu lugar.

—Bem, agora volte-se... E passou a auscultar-me pelas costas...

—Estou morto, —pensei,— irremediavelmente morto... A auscultação nas costas corresponde á cer-

das as chimeras, os sonhos, as phantasias, principia realmente a viver, a comprehender a vida, a amal'a, a estremecel'a...

E isto, que poderá parecer um disparate, não o é. A vida, o nosso primeiro amor, a nossa primeira amante, é como todas as outras... Quando se ama mais uma amante? quando se lhe quer com mais en-

Essa amante, de certo,—como todas,—deu-nos horas amargas, cruéis, attribuladas, foi até o que mais nos deu—; mas, no instante em que julgamos já vel'a desaparecer para sempre, em que imaginamos que os seus braços não mais nos cingirão, que os seus lábios nunca mais virão unir-se aos nossos,—esquecemos quanto soffremos por causa d'ella, os cru-

delíssimos espinhos da duvida, as palavras de desdem, os gestos de aborrecimento, tudo, enfim, que poderia suavizar a dor do apartamento, para só nos lembrarmos dos rápidos momentos de prazer, dos relâmpagos de felicidade com que, um dia, rasgou a treva de mil soffrimentos. Não sei se estou demasiadamente piegas, e escandalosamente metaphorico. O leitor dirá.

Vem toda esta pieguice a completar o parallelo entre a vida e as amantes.

A vida, a mais das vezes, é a mais insupportavel das amantes: contudo, logo que mostra querer abandonar-nos, nós, tal qual como as outras, só nos recordamos dos rápidos momentos de prazer, dos relâmpagos de felicidade com que um dia rasgou a treva de mil soffrimentos, consoante fica dito assaz *acciacamente*.

Porque é em geral um convalescente mil vezes mais feliz do que um são?

Porque a convalescença é a nossa amante—a vida —é a nossa querida amante com quem fizemos as pazes, depois de uns terríveis arrufos que se chamam o typho, ou a pneumonia, a anasarca ou a febre biliosa...

Mas, quando o doutor me auscultou nas costas, não me restava a minima esperanza de que a minha primeira amante—a vida—voltasse a fazer as pazes commigo. Quando entre nós e a vida o arrufo se chama tísica—ficamos de mal por uma vez,—e para sempre. Perpetua separação de pessoa e bens. Nós vamos para o fundo humido de uma cova... e ella... e ella... sabe Deus para onde vae... E nem ao menos nós é lícito sahirmos á noite... um bocadinho... a namora!... como fazem tantos maridos separados das suas metades...

Triste! Triste!

O doutor acabara de auscultar-me.

—Pode levantar-se...

Estive vae não vae a responder-lhe:

—Então o senhor imagina que eu, n'este estado, possa levantar-me? Mas, com a obediencia passiva dos doentes de perigo ás determinações do medico, fiz um esforço e... levantei-me!

—Ah! o meu martyrio não estava acabado.—Esperre!—disse-me Curry Cabral—e, espalmado os dedos da mão esquerda sobre o fígado, comecei, com os da direita, a tocar escalas por ali, e regiões circumvisinhas.

—Que sons, meus senhores, que sons! Pareciam bocadinhos de *Lohengrin*. Cheguei a imaginar que tinha a alma de Wagner... no fígado!

—Então, disse eu por fim—estou tísico, tenho uma lesão no coração e uma hypertrophia no fígado, não é assim? Vamos, doutor,—diga tudo. Tenho disposições a fazer. (Não tinha tal, era uma historia para o apanhar.)

—Nada d'isso... Pulmões excellentes, coração magnifico...

—Mas muito má lingua doutor,—veja...

—Pois está claro—má lingua... é esse exactamente o seu mal. Sabe o senhor o que tem?

Agora pergunto-lhes tambem eu:—Sabem o que é uma pessoa fazer-se azul e amarella e verde e encarnada, apresentar successivamente todas as côres do espectro com as suas mil *nuances*? Se não sabem e tivessem olhado para mim n'aquelle momento—ficavam-o sabendo. Eu, n'aquelle occasião, era, mal comparado, como dizem os saloios—o disco de Newton.

—O que é? O que é?

—Uma dispepsia!

Nunca, desde que o mundo é mundo homem algum sentio maior alegria do que eu n'aquelle feliz

e abençoado momento. Se alguém me tivesse dito—acaba de descebrir-se-lhe um tio no Brazil que lhe legou tres mil contos—o meu contentamento seria zero, comparado com o que senti ao dizer-se-me que tinha

UMA DISPEPSIA

—Que ventura, meu Deus, que ventura! Abençoado sejas tu Senhor, que te lembraste do teu indigno servo enviando-lhe

UMA DISPEPSIA

E uma commoção religiosa, d'uma doçura ineffavel, invadia-me a minha alma, elevando-a toda humildade, reconhecimento, amor, gratidão,—até ao throno do Altissimo que, na sua suprema bondade, mandára descer ao estomago do vil peccador a terra, a bella, a meiga

DISPEPSIA I

—*Dominus non sum dignum. Dominus non sum dignum*—e batia no... estomago.

Os senhores estão, talvez, a sorrir-se. Julgam que nada d'isto se passou. Passou, passou. E' que os senhores não sabem o que seja n'este mundo—a felicidade relativa. Não sabem que a maior das desgraças, pode, em certos casos,—ser uma ventura. Por isso não calculam todo o prazer que um homem, depois de auscultado—ah! tivessem os senhores sido uma vez auscultados e perceberiam tudo isto—o prazer que esse infeliz sente ao dizer-se-lhe que tem apenas uma

DISPEPSIA

Uma dispepsia—leves arrufos da nossa querida amante—a vida—que passam com dieta e uns frascos de carvão Belloc...

Diabo! Não vão agora imaginar que estas confidencias foram encomendadas pelo doutor...

O Doutor Belloc—bem entendido.

CHA-RU

VA-RI.

UM ACTO DE DESESPERO

POR

Mery

(Versão portugueza de Julio do Magalhães)

(Continuado de pag. 392)

V

—Por quem é, capitão; peço-lhe que recolha a casa. O seu companheiro é capaz de commetter alguma imprudencia.

—Não se assuste, amigo e sr. Ricardo; o meu companheiro recebeu de mim as convenientes instruções... A proposito: preciso de um conselho, sr. Ricardo; dê-me o seu braço, e conversemos como amigos e visinhos.

—Estou ás suas ordens, capitão.

—Conversemos, pois... Saiba, meu presado visinho, que estou com desejo de casar-me. Que lhe parece o meu projecto?

—En lhe digo, capitão... parece-me...

—Bem pode comprehender, amigo e sr. Ricardo, que eu e o meu amigo Xavier não podemos passar a vida n'este triste isolamento; temos deveres a cumprir para a sociedade...

—Tem razão, visinho, tem razão; e a minha opinião é que, se por ventura tem no coração um amor da mocidade...

—Não, não é isso, sr. Ricardo; os amores da nossa mocidade são todos pobrissimos... Agora temos

já pretensões mais altas, e desejamos estabelecer-nos em condições vantajosas de fortuna... O bello sexo é verdadeiramente admiravel em Dublin, e a nossa escolha já está feita...

—Ah! já fizeram escolha... balbuciou Ricardo Schwab com a voz affogada na garganta.

—Já, sim, respondeu tranquillamente o marinheiro. Julga que as familias das nossas noivas se prestarão a dar-lhes um bom dote?

—E porque não? murmurou o fabricante de panes, com voz tremula.

E ficou como absorto em meditação profunda. Depois de haver permanecido silencioso durante alguns momentos, ergueu subitamente a cabeça como quem acaba de tomar uma resolução heroica, e disse a Celestino:

—Escute, capitão. Pediu-me ha pouco um conselho, e eu vou fallar-lhe como amigo...

—Diga, visinho.

—O capitão e o seu amigo estão preparando para si proprios uma vida de verdadeiro inferno, creia... Dublin deve-lhes uma indemnisação, e ha de dar-lha... garanto-lho eu. A sociedade de seguros, o meu amigo Greamesh, a administração das postas e eu, estamos dispostos a fazer um sacrificio: colizarmos-hemos para os enriquecer, e compromettemos a dar-lhes duzentos mil francos, com os quaes poderão ir viver fartamente em França...

Celestino parou de subito, e olhou fixamente para Ricardo Schwab.

—Visinho, disse elle depois de uma longa pausa: eu sou naturalmente desconfiado... Estou persuadido de que, no momento em que commettermos a imbecillidade de largar das mãos o morrão, com que podemos communicar o fogo ao nosso Vesuvio, seremos immediatamente maniados e teremos, talvez, em perspectiva... a forca.

—Oh! nada tema, capitão, exclamou Ricardo Schwab. Com das principais pessoas de Dublin, o sheriff e eu, juraremos sobre a sagrada Escripura, que lhes não ha de ser feita violencia alguma, e que lhes proporcionaremos todos os meios para poderem regressar a patria com fortuna, e perfeitamente salvos.

—Essa proposta merece realmente ser meditada, visinho.

E o marinheiro ficou durante alguns momentos silencioso, como quem reflectia. Por fim disse:

—Escute, visinho: temos um meio de combinar as coisas. Os duzentos mil francos serão entregues ao meu amigo Xavier, que partirá em seguida. Eu continuarei a permanecer em Dublin, e esperarei,—sempre com o morrão acceso, se entende—, que o meu camarada chegue a França. Ao menos d'este modo ficará feliz um de nós, e só o outro será enforcado.

—Engana-se, capitão; não de ser ambos ricos e livres, porque nós não somos capazes de fallar á palavra dada.

—Acceita a minha proposta, visinho?

—Acceito, sim, capitão.

—Pois bem! acceito eu tambem a sua. Póde tratar da questão quando queira.

—Immediatamente, capitão; nem um minuto quero perder. Espero-o ao nascer do sol em casa do meu amigo Greamesh.

—Não faltarei; adeus, visinho.

—Boa noite, capitão. Ver-nos-hemos d'aqui a poucas horas.

Passados apenas alguns momentos, o marinheiro Celestino cahia nos braços do seu amigo Xavier, ao qual narrou a entrevista que acabava de ter com o visinho Ricardo Schwab. Os dois marinheiros, jubi-

losos e entusiasmados, executaram os mais difficeis e caprichosos passos de danga em redor do vulcão providencial.

Ao nascer do sol os cem habitantes mais notaveis de Dublin, o sheriff, o fabricante de pannos Ricardo Schwab, os duzentos mil francos e a Biblia, achavam-se em frente da casa, onde estavam enrincheirados os dois marinheiros. Xavier desceu a escada, recebeu o juramento e os duzentos mil francos, e partiu em seguida para Kingstown em uma das carruagens de Ricardo Schwab.

No entretanto Celestino fazia sentinella junto do vulcão.

Xavier, logo que chegou a Calais, escreveu uma carta ao seu amigo, em que lhe dizia queo esperava com impaciencia. Celestino saiu onsadamente de casa, levando em uma das mãos a carta de Xavier, e na outra o morrião apagado. O povo de Dublin acompanhava-o no meio das mais entusiasticas aclamações até á estrada de Kingstown.

Actualmente Celestino e Xavier vivem tranquillamente em uma das mais fertis provincias da França, são membros da Sociedade de Agricultura e gosam de uma grande consideração como lavradores. Celestino inventou um semeador mechanico, e foi gratificado com um muito honroso premio na ultima exposição de instrumentos de lavoura.

FIM

ROSICLER

O COCHE E A MOSCA

(Fábula de La Fontaine)

Por aspero caminho,
Exposto ao sol, ao frio e de ladeira,
Seis cavallos possantes
Puxavam os tirantes
De sege viajeira.
Frade, mulheres, velhos apertavam;
Os animaes bufavam,
E frouxos, paravam, sem chegar acima.
Eis certa mosca surde
E os cavallos aturde,
Julgando que os anima.
Zumbe, morde-os, põe tudo em polvorosa;
Pensa, a cada momento,
Que o trem em movimento
Sem demora vai pôr. Poisa, vaidosa,
No nariz do cocheiro, o sobre a lança,
Move-se a carruagem;
Prosegue-se a vingem.
A mosca não descança;
De tudo aquillo se attribue a gloria:
Vai, vem, azafamada,
Qual embo de brigada,
Ordenando a avançada,
Para apressar o instante da victoria.
Queixa-se a mosca então
De que na evolução,
Que demandava diligencia activa
De toda a comitiva,
A trefia exclusiva
Pesasse sobre si da acção, do plano.
Pararam os cavallos;
Quem foi estimulou-os?
Ella só — mais ninguém. O franciscano
O breviário lia:
(Bom momento escolhia!)
Fazia a moça ensaios de solfejo;
(Que bem azado ensaio!)
Dona mosca, em continua viravolta,
Vai da gente os ouvidos
Enchendo de zumbidos.
Em que tolices tres da tromba solta,
Após apan pesado
O coche vagaroso.
Vinga o morro arenoso.
Diz logo a mosca: «Safa! respirémos;
«Tanto, tanto lidei,
«Que no planalto cheguei,
«Com todos que salvei.

«Do premio, que mereço, é bom, trateinos.

«Cavallos meus, agora

«Pagai-me, sem demora,

«Do trabalho, que tive, a recompensa.»

Ha gente, offerecida,

Que, em tudo intromettida,

Ser necessaria pensa

E como tal se inculca. A nós compete,

De importuna tratá-la,

E de casa exortá-la.

Rio de Janeiro, 3 fevreiro — 83.

JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SOUSA.

O POLVARINHO

—Salve-o Deus!

—Boas tardes!

—Com que então, ... muita caça ... hein?

—Assim, assim. ... respondeu o *Saramago*, que mettendo na bocca do *Tigre*, um bello perdigueiro, cor de café e malhado de branco, as extremidades d'uma junça que atavam algumas perdizes pelas pernas, enxotou-o para casa, indicando-lhe a porta do *Monte*, além, no cimo d'aquelle serro, e que se destacava pela alyura das suas paredes caiadas, das enormes medas de palha, resguardadas aos rigores da invernoira por uma espessa camada de piorno ennegrecido pelo tempo.

—Tchita! Tchita! Vae á dona ... anda ... Tchita!

—Compadre ... então, sempre vendes a *novidade* ao D. *Rojão*? perguntou o outro.

—Nal disse o *Saramago* petiscando lume, nos apetrechos proprios, que trazia na algibeira, para accender um cigarro. O doutor não me chegou ao prego, não ha melhores baccellos em todo o concelho de Reguengos ... acredite! até hoje ... com bem o diga! ... ainda não deu o mal nas minhas vinhas!

—Oh! que lindo polvarinho, que vocemecê traz hoje!

O *Saramago* contou-lhe que era uma das astes do melhor boi do seu arado, o *Hespahot*, uma rez sadia e lustrosa, que se lavava com um pucaro d'agua e que tinha mercado em Evora, no anno d'além, pela feira do S. João.

—Ollie que um animal, mal comparado, é uma alma christã! mormurou elle com a voz embargada pela commoção; coitado! para ali esteve a pensar, perto de trez semanas, a um canto da cabana sem comer ... nem beber uma sede d'agua ... e então de madrugada, quando lhe chegava o frio da maleita genia, que até cortava as entranhas d' ... gente!

—Não chore compadre ... o que lá vae ... lá vae! disse o trabalhador para o animar, mas embasbacado para o polvarinho!

—Oh! só *Saramago* isto é que é uma perfeição! éna! ... como é retorcido!

A palestra foi interrompida n'este momento pelos latidos desesperados do perdigueiro.

—Que é lá isso? Que é isso, *Tigre*?! ... chito ... chito estás a fazer alguma das tuas, ladrão! ... e as-solaviava-lhe ... e pretendiam intimidar-o com pedradas certeiras.

Tchita! ... ah! cão do diabo!

Mas o animal gania com tal violencia, que o *Saramago* assustado, correu apressadamente pelo atalho, em direcção ao *Monte* aonde chegou a deitar os bofes pela bocca fora.

A entrada, debaixo do alpendre deparou-se-lhe o *Tigre*, que esfrangalhava enraivecido uns *ceifões* ainda novos, muito janotas, com bordados caprichosos de lãs vistosas e franjas de carneira golpeada.

—Oh! Maria? ... Maria? chamava elle tentando

arrancar das garras energicas do animal, os restos esfarapados.

A Maria, uma rapariga espadada, trigueira, de olhos vivos e ardentes, a bocca rosada e sensual, appareceu no limiar da porta, com ar compromettido e sem se atrever a encámar o esposo.

—Então, eu estou a bradar por ti ha meia hora e não ouves?! Aonde estavas encafunada?

—Eu ...

—Mas ... ergue os olhos para mim ... d'onde vens tu? ... mulher! de quem são estes ceifões cheios de requifes?!

—Eu ...

—Responde, mulher do diabo! Olha ... que ja estou vendo tudo vermelho! ... O João Sareto veio cá a casa? ... veio ... ou não veio?!

—Eu ...

—Ah! que se adrego a topar debaixo das minhas telhas esse mariolal! ... esse ladrão! ... esse *estudante*! ... tenho ganas de lhe esturar os miolos com uma balle! exclamou enraivecido.

Ella então, com uma grande suffocação de choro e dividindo dramaticamente as syllabas, desculpou-se:

—Eu ... não ... tenho ... a ... cul ... pa ... de ... que ... o ... hó ... mem ... se ... an ... de a ... fa ... zer ... a ... lar ... ve ... co ... mi ... go!

—Você o que ... é uma grandissima desavergonhada! Uma zorra! E ninguém me avisou! ... Tão peste é você, como os ganhões! ... aqui no *Monte* ... a unica pessoa, que é minha amiga é o cão!

Sucia de mil diabos!

Corja!

D'ali por deante, a mulher do *Saramago*, cheia de receios, e assustada pela attitude energica e zelosa do marido, principiou a dispôr as cousas mais cautelosamente.

—Nada de imprudencias, que *elle* tem ventas de poucos amigos! pensava.

O lavrador a seu turno, com a pedra no sapato, procurava certificar-se da cruel realidade, empregando expedientes que o seu raciocinio lhe inspirava.

—Esta tarde marche para tratar d'uns negocios na Villa, e só voltarei d'aqui a tres ou quatro dias.

Pela meia noite, a hora dos idylls apaixonados e das entrevistas romanticas, elle entrava surretamente no *Monte*, escutando ás portas e investigando com o olhar as vagas sombras das grandes rumas de saccos de trigo, projectadas pelos raios da lua, coados nas fijas das janellas, sobre os ladrilhos avermelhados do chão; e abeirava-se de mansinho ... sustendo a respiração ... do leito da esposa que encontrava dormindo profundamente, com esse somno doce e tranquillo, que o *Creator*, só permite aos ditos e aos justos!

—O que, já de volta?! Safa! sempre me pregaste um susto!

—E' que arranji lá os meus negocios mais cedo do que esperava!

—Uh! Sabe-a toda! dizia a mulher, por entre os dentes, virando-se para o outro lado.

Por fim as suspeitas varreram-se completamente do espirito irritado do marido, com as informações do unico ganhão da sua confiança, o Manuel das

Candeias, um rapazão, com faces cor de romã e musculatura de gymnasta, a quem dobrou a soldada para vigiar attentamente as piugadas da consorte.

—Durma descansado, só *Soramago*; o bregeiro do João Sareto já se desmagnou, e a potroa é mais santa do que uma Nossa Senhora!

Para o lavrador surgiu um novo periodo de felicidades e venturas; do seu coração apaixonado brotaram-lhe rios de ternura, em que immergia o rosto da esposa, e reconquistando o socego do lar, voltou a cuidar nos amanhos das suas courelas, e a encerrar a vida como um vasto oceano, aonde elle navegava com vento de feição, na barca do hymeneu, sem tempestades e... sem latidos accusadores do *Tigre*! Ah! quando se lhe deparava o cão enroscado ao sol, ou conchegado ao calor benefico da lenha que ardia na chaminé, aonde se curam ao fumeiro as morcellas e os paio, dos bacoros chacinados pelo Natal, deparavam-se-lhe na imaginação as atribulações d'aquella tarde maldita, em que injustamente suspeitou da sua mulher; e assim como para os navegantes, um simples ponto negro no horizonte, nas tranquillias manhãs de primavera, é um prenuncio de borrasca, tambem para o lavrador aquelle vulto castanho ao canto da lareira, lhe recordava os aguaceiros que inundam, os trovões que amedrontam, os raios que fulminam e assombram!!

—Tchita!... tchita! cão do diabo! Má raios te partam!... Um dia atiro-te com uma pedra ao pescoço, no agude do Guadiana, que ha-de levar-te o diabo a alma!... tchita!... cão!... E o *Tigre*, mansamente, com uma expressão de profunda tristeza no olhar, erguia-se a medo, com a cauda e as orelhas descahidas, como as hastes d'um chorão, e affastava-se pensando na imbecilidade do seu dono, e na ingratição do coração humano!

Passado tempo, n'uma tarde d'agosto, o *Soramago*, abrigado á sombra benefica d'um castenheiro, dos raios ardentes do sol, observava os trabalhadores que lidavam á debulha, no calcadoiro da eira, e eitava contas á sua vida, calculando por quanto venderia cada moio de trigo, no Redondo, pela feira de S. Francisco.

Era o *Tigre* que, silencioso, mas com uma attitudo satisfeita e brincalhona, os olhos a luzirem de triumpho e de vingança, depunha aos pés do seu dono ingrato... o famoso polvarinho!.. a retorcida haste!

N'aquelle cerebro illudido fez-se rapidamente a luz da verdade!

Ah! que se o apanho!... bramou o marido correndo para o Monte.

Mas ao aproximar-se reconheceu que galgava velozmente, como um ladrão presentido, a estrada que conduz á Villa, o ganhão!... o Manuel das Candeias!... o seu confidente!

BELTRÃO

O COMMENDADOR MENDOZA

POR
D. JOÃO VALERA

(Continuado de pag. 400)

VII

Ella, fazendo-se muito corada e mais bonita desde a primeira palavra, que o tio pronunciou, respondeu-lhe, um tanto confusa:



A MUSA DA PINTURA

—E porque não hei de gostar? Apesar de ser educada na aldeia, não sou tão rude...

—Basta olhar para ti, minha filha, para se conhecer que não és. Mas gostares tu de versos não se oppõe a que tambem gostes dos poetas.

—E de certo gosto. Frei Luiz de Leão e Garcilaso são os meus predilectos entre o lyricos hespanhoes, disse Luzia com grande naturalidade.

A suspeita de D. Fadrique chegou quasi á dissipar-se. Parecia inverosimil tanto disfarce n'uma rapariga de dezoito annos, que rezava o rosario todas as noites, ia á missa, e confessava-se a miúdo.

D. Fadrique não tinha tempo para rodeios e perifrasis, e foi bruscamente ao assumpto que o mortificava.

—Sobrinha, com franqueza; os versos, que ouvimos, foram feitos a ti por D. Carlos?

—Que disparate! respondeu Luzia, dando uma gargalhada.

—E porque ha de ser disparate?

—Porque nada d'aquillo se applica a mim; porque eu não sou Clori.

—Mas podias ser. O poeta não descreve Clori. Affirma vaga e indeterminadamente que Clori é bella, e tu és bella.

—Obrigada, tio; isso é favor.

—Não; é justiça.

—Seja o que quizer. Mas diga-me: d'onde sahio o meu velho guardador de gado? eu não atino com elle.

Pois olha, julguei tel-o encontrado.

—Como, tio, se no saraú estava apenas o senhor cura?

—E eu, não sou ninguém?

—Que quer o tio dizer com isso?

—Quero dizer que tenho 30 annos, mais 32 do que tu, e que não estou doido para aspirar a que me amem; porém os poetas fingem o que muito bem lhes parece, e o famoso D. Carlos pôde ter forjado essa machina de supposições absurdas para escrever o seu idillio. Se assim é, não se conforma com a verdade o que dizem os versos do rabadão, que já não pôde com os ossos, nem dança, nem corre, nem puleja, nem é capaz de caçar lobos como o zagal. Com o meu meo seculo no espinhaço, ainda aposto a tudo isso com o tal D. Carlos. E se me puzer a dançar o bolero, estou certo de que hei de dançar melhor do que quando meu pae fez com que o dançasse á pancada. No tocante a pulmões e folego, parece-me que os tenho de sobra, não só para encarrapitar-me no Parnaso, correndo atraz das bachantes, e para tocar todas as flautas e clarinetes do mundo, mas até para mover as velas d'um moinho.

—Mas tio, se D. Carlos não sonhou em mim, nem pensou no tio.

—Vamos, menina, não sejas hypocrita. Metteu-se-me na cabeça que o rapaz gosta de ti, que soube que vinhas passar aqui um

mez, que ouviu dizer que eu era velho, e com esses dados o insolente forjou o resto.

D. Fadrique dizia tudo isto a rir para enganar a sobrinha, e ainda que duvidoso do seu receio, algum tanto picado com o desvergonhamento do poeta, que por outro lado não deixava de cahir-lhe em graça.

—Tio, disse finalmente Luzia com a maior gravidade que poude. O velho rabadão não é o tio; é tambem de Villabermeja, ha dois annos que se estabeleceu aqui, e merece com effeito as qualificações, que lhe dispensa o poeta, porque está muito cahido e estropiado. O velho rabadão chama-se D. Casimiro. O tio deve conhecê-lo.

(Continua).

Typ. e lith. portugueza, Calçada do Tyjolo, 39 (a rua Formosa)